

“Andamos no fio da navalha”

por Guilherme Barros
do Rio

A impossibilidade de se aplicar um novo choque na economia, a necessidade do corte no déficit público e a manutenção das regras de política econômica foram o consenso entre economistas de dentro e de fora do governo, na reunião de conjuntura do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipea), realizada sexta-feira, com a participação do chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano, do secretário geral da Secretaria do Planejamento (Seplan), Michael Gardenkraut, e do secretário geral adjunto da Seplan, José Cláudio Ferreira da Silva.

“Estamos andando no fio da navalha”, declarou Nakano ao sintetizar a atual estratégia de política econômica do governo. “A frase de Nakano”, explicou Gardenkraut, “mostra a disposição do governo de mudar cada vez menos a economia.” Já foram feitas muitas mudanças e se a economia resistiu até agora é porque ela tem muito fôlego; nossa preocupação agora é mudar cada vez menos”, acentuou Gardenkraut.

Tanto Nakano quanto Gardenkraut negaram que o plano econômico que está sendo elaborado em conjunto pelo Ministério da Fazenda e pela Seplan para a definição de regras estáveis de política econômica seja concluído no prazo de

uma semana. Gardenkraut chegou até a arriscar um prazo de duas a três semanas para o término da elaboração do documento.

O grande problema que as autoridades econômicas estão enfrentando para a elaboração do plano econômico, de acordo com o secretário geral da Seplan, está na desordem em que o governo encontrou as diversas contas econômicas. Ele revelou que todos os cálculos estão sendo refeitos, seja de receita tributária, déficit público, contas internacionais e balança comercial. “Enquanto estes dados não estiverem prontos não podemos aprontar o plano”, disse Gardenkraut.

Segundo o secretário geral da Seplan, o plano desenvolvido pelo Ministério da Fazenda servirá tanto para uma definição de política interna como externa e será apresentado aos credores. Por isso, disse, terá de conter todos os cálculos corretos, principalmente após o erro observado na balança comercial, assinalou.

Gardenkraut afirmou que a confusão em termos de contas internas é tão grande que o governo não sabe qual é o seu déficit público. De acordo com ele, qualquer previsão atualmente é possível, já que não se sabe o tamanho do déficit. Ele admite que o plano econômico que será apresentado aos credores contempla o pedido de dinheiro novo, “mas não se sabe qual será o valor ne-



Yoshiaki Nakano

cessário, porque não se tem previsão do que acontecerá com o superávit da balança comercial e com a renegociação da dívida externa”.

De acordo com o secretário geral da Seplan, o que se sabe é que as contas do balanço de pagamentos não fecham sem ingresso de dinheiro novo. Além disso, afirmou que se sabe também que a repatriação de capitais está aumentando, a remessa de lucros e dividendos também é crescente, continua o desinvestimento observado no ano passado e praticamente não estão entrando recursos das agências governamentais e multilaterais.

Gardenkraut também admitiu que para o Brasil conseguir fechar um acordo com os bancos credores terá de contar com um apoio qualquer do Fundo Monetário Internacional (FMI), a exemplo do que houve em janeiro, quando o Brasil fechou o acordo com

o Clube de Paris só após um telex emitido pelo FMI. Ele teme que a situação piore no segundo semestre, já que, segundo ele, o acordo com o Clube de Paris certamente não será renovado. Explicou que no acordo de janeiro existiam duas cláusulas exigindo um relatório semestral do FMI, que não sairá, e a renegociação com os credores, que também está cada vez mais difícil, conforme sua avaliação.

No plano econômico que está sendo elaborado pela Seplan e pelo Ministério da Fazenda, Gardenkraut também afirmou que a Secretaria Especial de Controle das Empresas Estatais (Sest) está refazendo todo o orçamento das estatais, uma vez que ele foi elaborado prevendo-se uma inflação de 200% neste ano, “no que ninguém acredita mais”. Para ele, se o governo conseguir manter a inflação nos atuais 20% ao mês será uma grande vitória e confessou que uma das causas no momento de se conseguir este índice é o próprio gatilho, que evita uma pressão sobre a demanda.

A expectativa de todos antes da reunião do Ipea era de que seria talvez a mais pessimista dos últimos cinco anos. Contudo, a conclusão foi de que a reunião de ontem foi uma das que mais obtiveram consenso entre economistas de dentro e de fora do governo. Uma característica que já não se via há muito tempo.